



EGRESSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ENQUANTO ASCENÇÃO NO CURSO SUPERIOR: REALIDADE OU UTOPIA NO ÂMBITO DO CURSO DE PEDAGOGIA/UEPB

Fabiola Kened Monteiro Nascimento¹
Coautora Elizabete Dos Santos²
Coautora Mileny Aparecida Dos Santos³
Coautora Maria José Guerra⁴
Orientadora do Trabalho Maria do José Guerra⁵

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir a trajetória escolar vivenciada, desde as condições de ingresso, permanência como aluno egresso da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Educação Superior do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Buscou-se a pesquisa qualitativa como procedimento para revisão bibliográfica, pesquisa documental e de experienciar a trajetória no sistema EJA até a academia. Os problemas relacionados à qualidade da Educação de Jovens e Adultos aliados às condições socioeconômicas dificultam sobremaneira, o ingresso do público-alvo dessa modalidade da Educação Básica na Educação Superior. Em relação a permanência, a aprendizagem básica se revela insatisfatória, devido a insuficiência de políticas educacionais para acompanhamento das vivências acadêmicas, que garantam a frequência à instituição escolar até a conclusão do curso. Após avaliadas essas práticas, julgou-se ser necessário maior investimento na Educação de Jovens e Adultos e de políticas restaurativas capaz, de garantir um maior número de alunos da EJA dentro das universidades, inclusive contribuir para formação de docentes acadêmicos para lidar com esse público.

Palavras-chave: EJA, Egresso da EJA, Ensino Superior, Políticas Públicas.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fabiola.monteiro@aluno.uepb.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.elizabete@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual - UE, mileny.silva@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Doutorado em Educação – PPGE pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: maria1000.guerra@gmail.com;

⁵ Professora Dra. Associada do DE/CEDUC da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: maria1000.guerra@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A educação é algo imprescindível para o ser humano, a trajetória para o mercado de trabalho, em ascensão hoje, para sociedade está ligada “quase”, que diretamente ao seu estudo. Tal estudo, quando não finalizado no tempo regular, o mesmo então tem disponível na modalidade de ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A este esse público é dada uma oportunidade não só de finalizar os seus estudos, mas, também, de poder prosseguir com sua carreira acadêmica.

Nessa direção o caminho que uma estudante de EJA traça para a vida acadêmica é exaustiva, desde finalizar os estudos nesta modalidade, até conciliar com ~~o~~ as obrigações diárias, o que vai lhe exigir, essa persistência que reverbera nos impactos que se refletem em anos e mais anos fazendo provas de seleção para ~~entradas~~ a universidade, esse desprendimento para a ascensão na academia, acende aos profissionais da EJA uma força para continuar ensinando, como algo que se pudesse ir dando força para que não fique apenas no certificado de conclusão, mas para quem adentre o espaço universitário.

Portanto, uma preocupação central que guiou-me, para a realização ~~por meio~~ deste artigo foi de relatar/sistematizar, no plano da memória um pouco de minha trajetória vivencial na EJA até a conquista de minha aprovação no ENEM, para fazer o curso de Pedagogia. Por sua vez, pensar a finalização do ensino médio, por meio da modalidade de ensino EJA, desde a prova de seleção para universidade pública, passando pela escolha do curso de Pedagogia, bem como enfrentar tanto, a permanência neste ambiente quanto, as dificuldades existentes e, hoje, já ultrapassadas.

Essa construção social é algo inegável no processo desse relato socio histórico, isso denota o quão é importante as vivências na vida universitária para esse crescimento, não sendo utopia adentrar à vida acadêmica, mas fazer dela uma realidade para todos.



2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O retorno aos estudos a partir do 8º ano do Ensino Fundamental na Educação de Jovens e Adultos

Com a educação continuada e a crescente expansão dos sistemas de ensino fundamental que ocorreu no Brasil, especialmente a partir do Plano Nacional de Educação (PNE) de 1999, cuja origem é o documento chamado “Declaração Mundial sobre Educação Para Todos” assinado por vários países durante a “Conferência Mundial sobre Educação para Todos”, realizada de 5 a 9 de março de 1990, em Jomtien, na Tailândia. A declaração trata das definições e novas abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, as metas a serem atingidas relativamente à educação básica e os compromissos dos governos com o ensino. Por outro lado, a própria expansão dos sistemas educativos aliada à crescente complexidade que suscita a universalização do ensino constitui-se, ao lado da erradicação do analfabetismo, uma das principais metas do PNE, que define as ações na área da educação durante dez anos, e cuja base figura como compromisso constitucional.

Especificamente sobre a Conferência Mundial da Educação para Todos de 1990 Haddad (2002) nos esclarece:

Tal conferência, convocada pela Unesco, Unicef, Pnud e pelo Banco Mundial, produziu uma declaração pautada por uma concepção ampla de educação para todos, independente da faixa etária, baseada no conceito de necessidades básicas de aprendizagem. A ideia era focalizar a aprendizagem e não o ensino, e, considerando-se, as necessidades básicas de aprendizagem dos diferentes grupos, estabelecer políticas que articulassem diversas formas de educação. No desenvolvimento desse conceito de necessidades básicas, sete aspectos foram abordados: sobrevivência, desenvolvimento das próprias capacidades, vida e trabalho dignos, participação democrática, melhoramento da qualidade de vida, tomada de decisões e aprendizagem permanente. (HADDAD, 2002 p.196-197).

Outra alteração surgiu a partir da Conferência sobre Educação para Todos, na Lei 9394/1996, no Art. 37, conforme podemos verificar, a seguir:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018).



Por sua vez, Jacques Delores¹ (2001, p.11), referiu-se à educação como “a utopia necessária” e “um bem indispensável em sua tentativa de alcançar os ideais de paz, de liberdade e justiça social”. Assim, convém ressaltar que Paulo Freire *destaca* a “utopia” como um ato de sonhar, tendo como escopo conceitual a concepção de sujeito/indivíduo presente nas instituições escolares. Daí o nosso interesse de situar no tempo a nossa trajetória humana e de escolarização como sujeito da EJA.

Este artigo² surge do interesse de a partir da utopia de adentrar as portas da academia sempre me levou a noites sem sono, isso porque o trabalho, o cuidar do meu filho se faziam presentes na vida cotidiana, uma jovem mãe aos 15 anos, trazia implicações que no seu currículo escolar não caberia, o abandono a escola, naquela ocasião ocorreu e se constituiu, como uma perda inigualável, devido a uma “cobrança famigerada”³ por um currículo completo, sem falhas para sua inserção no mundo profissional, social.

Ao retornar ao chão da escola, já possuía uma idade avançada para permanecer nas séries do Ensino Fundamental, das turmas regulares que funciona, geralmente, durante o dia. Então, neste caso, a LDB (Leis de Diretrizes e Bases) me assegurava o direito de fazer minha matrícula na modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos), cujo ciclo de ensino para o meu perfil era a partir do 8º ano, justamente, o período em que larguei a escola. Inicialmente, tive um impacto direto em relação aos assuntos resumidos a serem estudados, eu achava que na estrutura de ensino da EJA poderia ter mais conteúdos e exigir mais dos alunos.

Conforme o tempo ia passando, obtive a compreensão dos diferentes currículos direcionados a estrutura de ensino na escola, da modalidade EJA para quem frequenta, pois, o estudo se efetiva através de módulos. Tudo isto causou-me um certo amadurecimento o que me levou a necessidade de estudar em casa, procurar outros materiais por minha conta, para o uso de estudos de aprofundamento dos conteúdos, assim iria me auxiliar a prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

¹ Diretor da Comissão que resultou na obra – Educação: um tesouro a descobrir. Consiste em o relatório para UNESCO elaborado em 1996, pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

² Texto elaborado para submeter a aprovação, no GT -12: Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, do IX CONEDU -2023, em João Pessoa/PB.

³ A expressão “cobrança famigerada,” neste texto, é usada no sentido de boa fama, notável.



1.2 O percurso do Ensino Médio e o incentivo dos professores

O processo de cursar o ensino médio foi bastante exaustivo, isso porque já era trabalhadora, mãe, dona de casa, atribuições essas que tomavam a maior parte do meu tempo, mas mesmo assim, tinha uma vontade extrema de finalizar o ensino médio, é engessar na academia. Já sabia que minha idade já estava avançada para ser atendido nas escolas públicas durante o dia, então, ao ir na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Clementino Procópio situada em Campina Grande- PB, onde resido que a oferta era o ensino EJA, não hesitei em fazer a matrícula, fiz depressa.

Não sabia da dimensão que essa modalidade de ensino iria me proporcionar, o EJA foi uma novidade para um sujeito que só estava habituado com o ensino regular, onde as séries decorrem todo o ano, calendários educacionais diferenciados, os conteúdos são enxutos para que caibam na grade de ensino, comumente quando comecei a presenciar na sala de aula, o público que era atendido, o porquê os professores criavam metodologias para aplicar em sala de aula com os alunos, observei que tudo tinha o intuito de ajudar aos trabalhadores, mães solteiras, estudantes que se encontravam fora da faixa preconizada pela LDB.

As professoras Cristiane (*Biologia*) e Buamaquê (*Matemática*) me incentivavam em todas as suas aulas de jamais desistir que mesmo cansada da rotina diária, prestei ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), por mais de três vezes, tinha a prova não só como acesso a vida acadêmica, mas um balizador para meus conhecimentos. Finalizei a EJA (Educação De Jovens e Adultos) no ano de **2014**, mas, realmente, só vim adentrar as portas da universidade no ano de **2020**, na segunda chamada da UEPB (Universidade Estadual Da Paraíba). Confesso, que a sensação foi a mais prazerosa, incrível porque já me sentia, uma mulher negra e mãe solo, que foi colocada para fora de sua casa e, esta conquista de ser aprovada para cursar um curso de graduação, numa universidade pública foi uma vitória de resistência.

A este respeito, convém, ressaltar Freire quando nos faz compreender de que: "Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo." (FREIRE, 1996, p.16). Perpassar as portas da universidade foi um desafio humano, digo isso, porque a academia ainda, não conhece o aluno, enquanto sujeito da EJA, ou não está preparada para receber esse "modelo de aluno", que se depara com textos acadêmicos que nunca



viu antes, com conteúdo que no sistema EJA não é abordado pelo encurtamento dos conteúdos e das metodologias aplicadas.

Desta forma não há vilões na educação, mas é necessário um olhar atento para esses sujeitos que entraram nessa modalidade de ensino, que adentraram esse percurso porque caso não entrassem, estariam fadados a não finalizar os seus estudos, alunos que estão fora das normas do ensino regular, mas estão segurados pela LDB (Leis de Diretrizes e Bases) nº 9.394/96, no Art. 37, que diz: "A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria." Essa clientela abrangente em todo cenário brasileiro demonstra a esperança depositada na educação, um germinar de conhecimento para ascensão social.

Desta forma, o acesso aos cursos universitários é possível de alcançar, minha escolha do curso de Pedagogia nunca foi um curso que almejava, sempre sonhei com o curso de direito, mas como não atingi a pontuação prevista para dar entrada pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada) em direito, então coloquei como segunda opção o curso de pedagogia, vislumbrava que a licenciatura seria interrelacionado com a educação, mas não imaginava a cientificidade que esse mundo "utópico" em toda sua completude.

Fiz o ENEM durante por seis anos, porém não acompanhava a escolha do curso superior que direcionava ao longo do percurso estudantil, mas em 2020 me direcionei a acompanhar o resultado das chamadas regulares, quando obtive meu nome registrado na segunda lista do curso de Pedagogia, uma grata resposta para meus esforços.

2.3 O contexto universitário para o egresso do Aluno da EJA após, 6 anos de conclusão do Ensino Médio

Ao finalizar o ensino médio no ano de 2014, tinha em minha mente que deveria prestar logo o ENEM (Exame do Ensino Médio) para poder ter acesso a universidade, isso, demorou por volta de 06 anos, ano após ano fiz a prova com o intuito de cursar direito na universidade, os projetos de financiamento nunca me causaram brilho nos olhos para poder conseguir meu sonho mais rápido, isso porquê minha meta sempre foi a universidade pública, conforme as provas eram feitas, acompanhava a pontuação, e percebia meu rendimento muito abaixo, isso me levava a presumir que o fato de estar longe da escola contribuía para o esquecimento de assuntos importantes para a prova.

Comecei a estudar em casa, utilizava os materiais dos cadernos que possuía, vídeos da internet com explicações, mas fazia isso, quando chegava do trabalho, muitas das

vezes, era complicado, porque estava tão cansada que dormia em cima dos cadernos, são lembranças inesquecíveis.

No ano de 2019 fiz a prova no mês de novembro, com o intuito de cursar o curso de direito, mas o futuro traz grandes surpresas, na inscrição do SISU (Sistema de Seleção Unificada), verifiquei que minha pontuação não dava para colocar no curso que queria, então, direcionei a primeira inscrição para Pedagogia, a segunda inscrição para letras português, fiquei acompanhando as chamadas pelo site responsável, com pouca esperança, porque eram vários candidatos.

Desta forma, na primeira lista não saiu meu nome, mas vi que tiveram várias desistências do curso na instituição UEPB, então vi que teria uma nova lista (segunda), então, quando saiu, vi que meu nome estava lá, deu um misto de emoção com uma auto reflexão sobre minha caminhada até conseguir entrar na universidade, isso pois o aluno da EJA são pessoas que não finalizaram seus estudos no período correto, onde necessitam terminar para ter o certificado do ensino médio.

Ao entregar os documentos para fazer a matrícula na instituição Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para cursar a Licenciatura em Pedagogia, no Semestre Letivo 2020, senti medo de não ser capaz de acompanhar todos os componentes, inicialmente minhas aulas coincidiram com o início de uma pandemia da COVID-19⁴, a qual modificou a vida tanto do povo brasileiro quanto do povo do mundo inteiro.

A este respeito a UEPB e o sistema de ensino do Brasil e do mundo inteiro, nos seus diferentes níveis de ensino passaram a adotar o “ensino remoto à emergência da COVID-19”. Portanto, nesse período o povo do mundo inteiro passava pela pandemia do SARS COV 2 e, para que o sistema de ensino não parasse surge, como alternativa a criação de plataformas para o uso das aulas, por parte dos docentes, com a proposta do ensino remoto, o qual fez parte da vida dos discentes. Lembro-me de que, no primeiro dia de aula foi um misto de ansiedade em ver os professores, os alunos de turma, as metodologias que iriam ser trabalhadas nas aulas.

Conduzida nessa direção, as aulas deixaram de ser presenciais para seguir as exigências do sistema, que funcionavam via Classroom (plataforma criada pelo GOOGLE para gerenciar as atividades, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, assim, como outras instituições também, adquiririam esse pacote para poder

⁴ As *aulas remotas* foram adotadas pelas instituições públicas/privadas para atender aos seus alunos/professores no que concerne ao calendário de aulas, essa modalidade foi adotada, diante da pandemia do COVID-19.



dar continuidade à prática de suas aulas. Essa nova modalidade de ensino a distância foi uma descoberta para a comunidade acadêmica, pois quem não tinha aptidão para as plataformas digitais, teve que aprender a seu modo, por exemplo, como acessar o e-mail institucional, se adequar aos horários de aulas remotas, onde preconizo que professor e aluno só poderiam ficar expostos, por apenas uma hora em frente a tela, quer seja celular, computador ou tablet. Ressaltando, que os discentes que não provinham de recursos financeiros para acesso as aulas remotas, nesse período pandêmico, tiveram ajuda por meio de projeto promulgado pela UEPB.

A priori, os trabalhos acadêmicos não tinham ideia de como seriam feitos, a metodologia científica quando o professor do componente começou a explicação do que seria, disse a ele: “que não sabia o que era o ato de formatar um trabalho acadêmico, porque nunca tinha tido essa experiência, é já fazia, um certo tempo, que tinha finalizado meus estudos pelo sistema EJA (Educação de Jovens e Adultos)”. E os alunos, na condição do ensino remoto, estávamos como sujeitos aos escondidos pelas câmeras do celular, não posso afirmar qual foi a reação do mesmo, mas um silêncio prosperou em alguns minutos na sala virtual.

Observa-se enquanto aluna egressa da EJA, que a maneira como os alunos dessa modalidade de ensino é vista pelo poder público, a sociedade e, no próprio contexto social acadêmico é diferenciado. Percebe-se, na convivência que temos com os sujeitos que finalizaram seus estudos no período correto, que em sua imaginação é de que o aluno egresso da EJA, só pode chegar até um ensino técnico profissionalizante, não podem almejar ir além disso e, sobretudo alcançar a inserção na academia seja para qualfor o curso que desejem. Contudo Freire (2001) nos autoriza a dizer que:

E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. (FREIRE, 2001, p.29)

Outra dificuldade bastante latente para meu percurso acadêmico foi o contato com os “textos acadêmicos”⁵, sua linguagem era puramente desconhecida, então para

⁵ A expressão textos acadêmicos, aqui, significa uma produção universitária, com uma linguagem científica, conhecimento científico.

acompanhar a metodologia dos professores, precisei criar um cronograma de estudos para não sentir tanto, o estranhamento com a linguagem acadêmica, ao qual não tinha vivência, passei a ler artigos, livros da área, conversar com alguns professores quando as aulas pelo *Google Meet* terminavam, essa busca me oportunizou uma maneira de compreensão da vida acadêmica, nas estruturas de minha carreira profissional, onde eu era um índice fora da reat no ensino do EJA, ao qual muitos indivíduos veem apenas como uma fuga para finalizar os estudos, não estou vitimizando minha história, mas esclarecendo que as políticas públicas adjacentes, os contextos societários contribuem para a não inclusão desse indivíduo dentro da vida acadêmica.

a permanência escolar sob a perspectiva instituinte implica reescrever uma realidade – a da evasão escolar – que está escrita (descrita, narrada, exemplificada e explicada, em suas causas e efeitos) sob uma lógica que tem a naturalização da desigualdade social brasileira como núcleo central de seus argumentos. (CARMO; SILVA; 2016, p.47)

É necessário um olhar mais afetuoso para com esse público, tendo em vista que as políticas públicas não devem prestar assistência apenas para esse público finalizar seus estudos para conseguirem emprego, mas dar subsistência para que continuem estudando para sua ascensão a universidade, onde para muitos é um caminho distante.

3.METODOLOGIA

Neste estudo adotamos a metodologia interativa, segundo Oliveira (2007, p123-139) “é um processo hermenêutico-dialético que facilita entender e interpretar a fala e depoimentos dos atores sociais em seu contexto e analisar (...), em direção a uma visão sistêmica da temática em estudo”. A pesquisa interativa se alinha a perspectiva da metodologia qualitativa e descritiva.

Quanto aos sujeitos pesquisados foram usados para a dimensão deste artigo 2 alunas e 1 professora do curso de Licenciatura em Pedagogia e membros participantes do PIPBIC/CNPQ/UEPB - Cota: 2022-2023. Conforme o leitor pode conferir no tópico a seguir.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção como ser acadêmico pretendida, pela autora deste artigo, é constituir-se de um processo gradativo, visto que, a estudante que entrou na universidade sem



perspectiva alguma de permanência, atualmente já almeja passos mais largos dentro da academia, já discute seus posicionamentos, algo que não era válido no ambiente em que se encontrava em seu pensamento subalterno, onde o ciclo que se encontrava a constrangia com suas falas por ser do EJA, essa pertença vem declarado, inclusive até, em alguns relatos, por parte de alguns alunos e professores de minha convivência no contexto acadêmico.

EXEMPLO - 1: *Quem é Fabíola na academia?*

Fabíola usa sua inteligência para si e para ajudar os colegas e sempre estende a mão quando lhe pedem, sendo sempre prestativa e responsável, seja com os compromissos ou com os projetos que participa. Uma característica muito forte é o cuidado e interesse ao lidar com os demais para que todos fiquem bem, e consigam dar conta da correria da vida universitária. Frente ao seu compromisso com a graduação, ela sabe que não tem tempo a perder e aproveita para participar e agarrar as oportunidades que aparecem, vivendo o curso sem deixar de aproveitar para passar pela universidade adquirindo uma boa bagagem para lhe ser base na continuidade de seus estudos. (Relato da aluna Maria Elizabete Dos Santos - Data: 03/08/2023).

EXEMPLO - 2: *Quem é Fabíola na academia?*

Fabíola enquanto estudante universitária é uma pessoa apreciável, um verdadeiro exemplo de superação. Diferente de alguns estudantes universitários, ela se destaca entre nós, pois possui uma força de vontade extrema, visto que busca dentro da sua realidade fazer da universidade um espaço não apenas de formação, mas também de oportunidades, buscando assim usufruir de cada momento que a instituição oferece, para assim desenvolver-se e ampliar ainda mais seus conhecimentos. A mesma busca sempre participar de projetos, é muito participativa nas aulas, atenciosa, compreensiva, colaborativa, etc. Uma mulher incrível, que é sinônimo de orgulho para nossa turma, bem como para a sociedade. Ela sempre está aberta a ajudar à todos aqueles que buscam sua ajuda. Fabíola não tem medo de expressar suas opiniões diante das pessoas, e isso é maravilhoso, pois por mais que durante sua vida o mundo quis lhe calar, ela nunca baixou a cabeça e seguiu firme e forte em seus objetivos. Ao olhar para Fabíola, vejo um mundo imenso de vitórias pela capacidade de seguir em frente que ela possui, pois enquanto os outros estudantes fazem da Universidade uma tortura, ela demonstra satisfação por tudo que já conquistou e pelo que ainda vai conquistar. Fabíola é um exemplo vivo de mulher, mãe, estudante, funcionária, etc. O segredo disso tudo é que ela não sonha, ela realiza. (Relato da aluna Mileny Aparecida da Silva - Data: 08/08/2023).

Na análise que se faz tanto, no **EXEMPLO-1** do *primeiro relato* (da aluna Maria Elizabete dos Santos) quanto, no **EXEMPLO-2** do *segundo relato* (da aluna Mileny Aparecida da Silva), observa-se que as características dadas a estudante Fabíola atribuídas desde, as características físicas, psicológicas e de realização no espaço social acadêmico em que Fabíola realiza que é o sétimo Período do curso de Licenciatura em Pedagogia, inclusive, o leitor deve perceber que nas respostas dadas por cada aluna, demonstra suscitar uma imagem e ou identidade dada sobre (*Quem é Fabíola na academia?*), sobretudo como um processo de aprendizagem entre todos os alunos, seja em sala de aula com os professores ou entre eles (*alunos da turma...*); considerando, os ambientes onde cada um vive, o conhecimento que cada um trouxe para academia. ~~assim como ela em sala~~ Observou-se, assim, que Fabíola é a única que cursou a modalidade EJA, para conquistar seu egresso no ensino superior e, que este antecedente e que, mesmo assim, não vem se menosprezando por isso.

EXEMPLO - 3: *Quem é Fabíola na academia?*

Em clima de começo de semestre letivo não é muito estranho que iniciemos uma conversa sobre uma temática recorrente: *trata-se do ser estudante*. E, particularmente do estudante universitário. O que vem a ser essa realidade tão falada e nem sempre compreendida: *de quem é* (estudante) na academia?

Vamos iniciar fazendo algumas ressalvas ao nosso tema. E começo me perguntando: devo tratar do *ser acadêmico* ou do *ser estudante*? Nós nos acostumamos a dizer que aquela pessoa que venceu o monstro do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) matriculou-se numa Universidade é acadêmico. Mas o que é isso que se convencionou como *acadêmico* ou de *ser estudante na academia*? Certamente, que se fôssemos pesquisar teríamos vários significados que deram origem ao termo, mas, não é a intenção desse depoimento. Entendemos como *ser acadêmico* é aquele(a) que está ou que pertence à academia.

E aqui começo a situar o leitor acerca do depoimento de que me foi solicitado, através da seguinte pergunta: **Quem é Fabíola (estudante) na academia?** Procuo dar uma resposta do lugar de Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação/Campus I/UEPB e da convivência como Coordenadora do projeto PIBIC/UEPB- Cota: 2022-2023, vinculado a área de “Ciências Humanas,” que tem como a subárea - “Educação de Jovens e Adultos”-, do qual faz parte Fabíola Kened Monteiro Nascimento como egressa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da



Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Ensino Superior, desde 2020, justamente, no período em que às aulas e o contexto acadêmico, no Brasil e, no mundo todo funcionou, em diferentes plataformas, com as *aulas remotas* à emergência da COVID-19, mesmo assim, o acesso e a permanência na continuidade de seus estudos foi um continuum.

Portanto, para o **EXEMPLO 3: *Quem é Fabíola na academia?***

Descrita como “aluna voluntária” - porque não recebe bolsa do PIBIC/UEPB” - mas, talentosa, engajada nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e muito dedicada ao grupo de estudo, aos membros do grupo é extremamente colaboradora, também, junto aos professores. A individualidade de Fabíola, conhecida como muito participante, permite que ela divida seu corpo em várias partes e use cada parte com precisão nos mais vários segmentos existentes enquanto, mãe, dona de casa, trabalho fora da Universidade e, na academia (Residência Pedagógica, Projeto de Alfabetização de Adultos com os os quatro funcionários da empresa Alerta), para além da sala de aula que busca, “algo mais”. **(Relato da Professora Doutora Associada Maria José Guerra. Data:13/08/2023).**

Esses depoimentos tem contribuído para o ser humano Fabíola, os projetos que a mesma participa, desenvolveu uma mudança de visão de mundo na perspectiva humana, contribuindo suas ações diariamente, contribuindo para além do agente social político.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na EJA me oportunizou o conhecimento desta modalidade, me tornando uma participante assídua do processo, observando as lacunas que este ensino possui, vendo a carência de políticas públicas que concerne o acolhimento desta modalidade não é o bastante, há um caminho árduo para permanência de seu alunado, bem como para a evasão, como também o acompanhamento dos mesmos para ascensão a vida acadêmica, assim como a academia precisa estar preparada para receber esses alunos, onde eles não tenham vergonha de se assumir aluno da EJA, mas de terem orgulho do ensino que fizeram parte, compreendendo o que sua importância contribuiu para a história do EJA dentro do Brasil no processo da educação, sobretudo, quando recebemos depoimentos como aconteceu aqui, neste artigo, os quais nos estimulam a dar continuidade aos nossos estudos.



AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para a Professora Doutora Maria José Guerra, pela sua orientação, durante toda a sugestão e a confecção deste texto acadêmico, por sua paciência e destreza nas orientações, agradeço ao programa PIBIC/CNPQ/UEPB Cota: 2022/2023 que oportunizou um maior conhecimento na/da modalidade do EJA, onde me identifiquei com a temática pois, fiz parte desse ensino.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores que ensinam nos ciclos do ensino da EJA, sempre preocupados com os conteúdos e um currículo de tempo reduzido, mas, que estão passando, aos alunos que fazem parte dessa modalidade, pois sempre o aluno mesmo, com todos empecilhos diários, mas vão à noite para as salas de salas de aula, com a esperança de aprender cada vez mais.

REFERÊNCIAS

CARMO, Gerson Tavares do. Sentidos da Permanência na Educação. *In*: CARMO, Gerson Tavares do. (Org). **Colóquios acadêmicos sobre a permanência na educação**. Da evasão/fracasso escolar como objeto sociomediático a permanência escolar como objeto de pesquisa: o anúncio de uma construção coletiva. 1.ed. Rio de Janeiro, RJ, 2016.p.43-52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura 18. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HADDAD, Sérgio. A educação continuada e as políticas públicas. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. 1ª reimpressão. – São Paulo: Ação Educativa, 2002.

SILVA, Joelma Batista da; PLOHARSKI, Nara Regina Becker. **A metodologia de ensino utilizada pelos professores da EJA** – 1º segmento – em algumas escolas da rede municipal de Curitiba. Curitiba: [s.n.], 2011.

SANTIAGO, Maria Eliete; MENEZES, Marília Gabriela de. **Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico emancipatório**. [s.l. : s.n.], 2014.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. (Org) **Alfabetização e seus sentidos**: O que sabemos, fazemos e queremos. Marília, SP: Editora Unesp, 2014.

MACHADO, Margarida Maria. **A educação de jovens e adultos em tempos de pandemia**. Disponível em < <https://youtu.be/UBKQL2oKucY> >. Acesso em: 21 mai. 2023.

FÁVERO, Osmar. et al (Org). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: [s.n],



2009. Disponível em < <https://youtu.be/8Z85ZaRaX0Y>> . Acesso em: 27 mai. 2023.

Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 27.mai. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.**- Rio de Janeiro: Vozes,2007.